

## «Lugar de Ausência» – Eva Díez

16 Fevereiro / 20 Abril 2019

Galeria das Salgadeiras

Os lugares são a geografia da solidão.

Manuel António Pina

O silêncio só raramente é vazio

diz alguma coisa

diz o que não é

José Tolentino Mendonça

Um vazio pleno

Voltemos ao útero, como se de uma analepse se tratasse. O útero, essa primeira casa que habitamos e vivemos, onde criamos relações, crescemos e sentimos o mundo exterior através de paredes. Em “Lugar de Ausência”, Eva Díez (Vigo, 1982) não regressa no tempo a uma casa uterina, mas convoca-nos para um tempo e um espaço de recolhimento. Cria um receptáculo em espelho que, como a própria artista diz, “à semelhança do vazio, não contém nada e contém todo o universo.”

Este novo trabalho mantém uma forte relação com as séries anteriores, tendo como elemento nuclear “a Casa”. Em “Renacer” (2015), Prémio Galego de Fotografia Contemporânea e com exposição em Portugal na Galeria das Salgadeiras em 2017, Eva Díez trabalha a casa com uma linguagem cinematográfica, abandonada, vazia, conferindo-lhe uma segunda vida através da luz que a volta a habitar. As casas renascem com a sua intervenção no espaço, fruto do trabalho de iluminação e voltam a ter alma, ou será a ilusão de estarem habitadas? Na série “Los que habitan” (2014) recria casas provisórias em espaços desabitados para diversas espécies animais, vivendo com eles, interagindo e ganhando a sua confiança para os poder retratar de forma quase humana. Nesta série, a autora utiliza o espelho pela primeira vez numa das imagens, a do periquito, onde pretende criar uma companhia para o animal retratado.

Voltando a “Lugar de Ausência” em que Eva Díez trabalha novamente a casa como conceito, desta vez utilizando um material com elevada carga simbólica - o espelho.

Existem registos do espelho, não como o conhecemos nos nossos dias, há cerca de 2500 anos. “Em peças de cerâmica antigas do século V a.C., vemos elegantes damas de Corinto que se miram em pequenos discos de

metal polido, fixados num cabo ou num pé...” (História do Espelho, Sabine Malchior-Bonnet, Orfeu Negro, 2016). Ao longo da história, o espelho inspirou criações nas artes visuais, na literatura, na arquitectura, no cinema: do Palácio de Versailles com os 357 espelhos na Galeria dos Espelhos criada em 1678 no reinado de Luís XIV, às fotografias da série “The mirror suitcase men” (2004) de Rui Calçada Bastos (Lisboa, 1971) ou às esculturas de José Pedro Croft (Porto, 1957) em Almourol no Parque de Escultura Contemporânea.

Em diversas civilizações acredita-se que o espelho leva a alma, mas em “Lugar de Ausência” as imagens de Eva Díez não nos levam nada, antes pelo contrário, arriscaria dizer que partilham connosco a alma da artista e da pessoa, são o seu eco. E o eco da casa, o eco do espelho e o eco da sua voz que sussurra um silêncio cheio de vozes. Em “Lugar de Ausência” a utilização do espelho não está embebida de uma perspectiva narcísica, reclama-se do sujeito uma reflexão e não o seu reflexo. Há um espaço e um tempo próprios e há tempo para uma contemplação, para uma pausa, para suspender o tempo, essa raridade das sociedades contemporâneas. Pouco sabemos da sua geografia, tempo ou espaço, característica transversal nas três séries apresentadas pela artista e atrás referidas. Sentimos um vazio pleno, um silêncio cheio, o que parecendo antagónico, nos mostra como estas imagens estão repletas de simbolismo e refletem um voltar às origens, à natureza e ao tempo que urge abrandar.

As imagens fotográficas de “Lugar de Ausência” remetem-nos também para a questão filosófica do conceito de espaço: saber se ele é real e objectivo ou percebido enquanto construção mental das pessoas. A leitura de imagens refletidas suscita a imaginação e cria uma outra realidade, que se nota, por exemplo, quando nos olhamos ao espelho, em que o olho direito passa a ser o esquerdo e vice-versa. Entre outras esta será, porventura, uma leitura possível, pois sabemos que o próprio reflexo de um espelho não é real.

Entre o real e o imaginário, Eva Díez fez esta viagem e faz-nos viajar com ela, seja no tempo actual, seja parando o tempo e deixando o observador/espectador regressar às suas casas, simbólicas, físicas, imaginárias, uterinas.

Cláudio Garrudo

Lisboa, Janeiro de 2019



## «Place of Absence» – Eva Díez

16 February / 20 April 2019

Galeria das Salgadeiras

Places are the geography of loneliness.

Manuel António Pina

Silence is seldom empty

it says something

it says what is not

José Tolentino Mendonça

A full void

Let's go back to the womb, as if in a flashback. The womb, our very first home, the place where we have lived and created bonds, where we grew, where we felt the outside world through its walls. In Place of Absence, Eva Díez (b. Vigo, 1982) is not going back in time to a womb-home, but is, nevertheless, inviting us into a space and time of seclusion. She creates a mirror receptacle that, in the words of the artist herself, "just like the void, holds nothing and contains the whole universe."

Having as central element "the House", this new work keeps a close connection to two of her previous series. In "Renacer" (2015), Galician Award for Contemporary Photography and exhibited in Portugal at Galeria das Salgadeiras in 2017, Eva Díez works on the house with a cinematographic language, abandoned, emptied, given a second life with the light that inhabits it again. Houses are reborn from her intervention in space, her lighting work, and regain a soul, or could it be just an illusion? In the series "Los que habitan" (2014) she recreates makeshift dwellings for several animal species in uninhabited spaces, living and interacting with them, gaining their trust, so that she could portray them as almost human. The artist uses the mirror for the first time in this series, in the image with the parakeet, in order to create some sort of company for the animal.

But let's go back to "Place of Absence", in which Eva Díez works once more on the house-concept, yet this time using a highly symbolic material - the mirror. There are indeed records of the mirror – not in today's form, of course – dating from nearly 2,500 years ago. "In ceramics from the 5th century BC we can see elegant Corinthian ladies looking at small polished metal discs attached to a handle or a stand ..." (História do Espelho,

Sabine Malchior-Bonnet, Orfeu Negro, 2016, our translation). Throughout history, mirrors have often inspired the visual arts, literature, architecture, cinema: from the 1678's Palace of Versailles in the reign of Louis XIV, with its 357 mirrors displayed in the Gallery of Mirrors, to Rui Calçada Bastos's (Lisbon, 1971) "The mirror suitcase men" (2004) or José Pedro Croft's (Porto, 1957) sculptures in Almourol's Contemporary Sculpture Park.

Many civilizations believe that mirrors steal away one's soul, but in "Place of Absence" Eva Díez's images don't steal anything from us. They rather share with us her soul, both the artist and the person's. They are its echo. And also the house's echo, the mirror's, and ultimately the echo of a voice whispering a voice-ridden silence. In "Place of Absence" the mirror is not intended for a narcissistic gaze. Instead, the subject is asked to reflect upon, rather than to procure his or her own reflection. There's a space and time of its own, and a time for contemplation, for taking a break, to halt time, such a rare commodity in contemporary societies. We know little of their geography, time or space, a transversal trait in the three series mentioned earlier presented by the artist. Even though apparently antagonistic, we can feel a full void, a brimful silence that show us how these images are packed with symbolism and reflect a return to the roots, to nature, and to the time we must slow down.

The photos in "Place of Absence" also lead us to philosophical questions concerning concepts of space: is it real and objective, or is it perceived, one's mental construction. The sheer reading of reflected images stirs the imagination and creates another reality, evidenced, for example, when in the mirror our right eye becomes our left eye and vice versa. This could be one of many possible interpretations, since we already know the reflection in the mirror is not itself reality.

Between what is real and what is imaginary, Eva Díez made this journey and now takes us traveling with her, whether through the here-and-now, or just by stopping time, letting the viewers return to their symbolic, physical, imaginary, uterine homes.

Cláudio Garrudo

Lisboa, January 2019

Tradução: Cláudia Pinto